

## **ANÁLISE DAS COMUNICAÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA *PROTESTANTISMO E PENTECOSTALISMOS* NOS SIMPÓSIOS DA ABHR (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES)**

Tiago Hideo Barbosa Watanabe<sup>1</sup>  
[tiago.hideo.watanabe@terra.com.br](mailto:tiago.hideo.watanabe@terra.com.br)

O presente texto oferecerá um panorama relativo a produção sobre o protestantismo brasileiro na Associação brasileira de História das Religiões (ABHR). Frente a proximidade dos dez anos de formação dessa associação, e tendo em vista a representatividade dos evangélicos no campo religioso brasileiro, ofereceremos um quadro modesto relativo a metodologias, matrizes teóricas dos trabalhos, locais de produção e fontes para vislumbramos a importância desse espaço assim como refletir sobre a produção sobre o protestantismo desse período. A fonte para realizar esse exercício foram os Cd-s de resumos de quatro eventos (Recife, Franca, Belo Horizonte, São Luís) e as publicações com o selo da ABHR. A nossa convivência com o Grupo de Pesquisa “Protestantismo e Pentecostalismos” permitiu conhecer também o debate posterior a determinadas comunicações, estabelecer laços de solidariedade para o estudo do objeto em questão, e limitou, por estar no bojo da própria produção, nossa visão que é, antes de tudo, um esforço de auto-reflexão.

### *1. Os referenciais teóricos*

A percepção dos professores da linha de pesquisa “Religião e Visões de mundo” da UNESP/ Assis da necessidade desse espaço de troca de informações, debates e reflexões em torno das religiões, religiosidades e do campo religioso brasileiro - pela própria temática - indicava algumas opções teóricas desse grupo. A pluralidade e a interdisciplinaridade proposta pelos Annales da primeira geração, no caso da ABHR, encontrou singular forma: dez anos depois de sua fundação simbólica, podemos afirmar que os simpósios anuais da ABHR reúnem

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP- Assis). Bolsista CAPES ( Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

estudiosos de formação diferenciada como historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas religiosos, teólogos, cientistas políticos, psicólogos. A variedade também está indicada no rol de membros fundadores e permanentes e nos palestrantes escolhidos. No caso dos historiadores, ao analisarmos a seleção dos objetos, fontes, problemas, e a preferência teórica dos professores fundadores desse grupo no Brasil, apontamos para a chamada Nova História Cultural francesa. A primeira pesquisadora a expor essa aproximação da História cultural e o estudo dos evangélicos brasileiros foi Karina Bellotti (2005). No seu texto *Mídia, Religião e História Cultural* a autora fez um levantamento sobre a consolidação da chamada História Cultural Francesa na academia. Incitada pelas possibilidades e limites dessa metodologia, problematizou uma história estritamente marxista ou demasiadamente positivista no estudo da religião. Por ser um artigo que esboçava princípios de uma pesquisa mais longa, só tivemos proposições da História Cultural sobre o protestantismo com poucas pesquisas empíricas baseadas em fontes e material bibliográfico. Sobravam perspectivas e caminhos para serem trilhados e a transposição de um debate maior para um objeto específico, elemento ainda permanente no grupo.

No caso dos estudos sobre o protestantismo, a incidência de autores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Michel Foucault, além de Stuart Hall, Carlo Ginzburg e Serge Gruzinski foi considerável. Sobre outras possibilidades teóricas, como a da História Social Inglesa, não encontramos um trabalho. A temática da resistência e conflito, tal qual Thompson propôs no conceito de cultura popular, não foi utilizada embora o tema não seja incipiente. Eduardo Gusmão, por exemplo, fez apurado histórico sobre a introdução do protestantismo em Goiás no qual usou das conceitualizações da História Cultural para demonstrar o conflito na implantação do protestantismo naquele local. O tipo de mentalidade trazida pelos missionários norte-americanos no Brasil entrou em conflito direto e indireto com a cultura dos “nativos”, na violência simbólica e física desse contato (GUSMÃO, 2002).

Os historiadores não utilizaram apenas de suas chaves interpretativas, sendo no caso protestante utilizado debates de sociólogos como Max Weber, Émile Durkheim, Peter Berger, Pierre Bourdieu e do fenomenologista Mircea Eliade. Nas pesquisas históricas do protestantismo nacional, estudiosos predominantemente sociólogos foram referenciais como Antonio Mendonça, Paul Freston, Ricardo Mariano, Leonildo Campos. Numa leitura mais ampla, percebemos nos estudos feitos por iniciantes na pesquisa o debate teórico apontou inicialmente para Weber, Durkheim, Marx, ou para os autores da chamada História Cultural fazendo uma investigação que

não condiz com a conceitualização proposta. No caso do protestantismo, conceitos usados por Roger Chartier como o de representação, não foi usado como tal pois a relativização e historicização de determinados conceitos não foram feitos, e a resignificação/ dinâmica do local de produção pouco exploradas.

## 2. *Quanto ao uso de fontes.*

Nas comunicações sobre o protestantismo temos uma pluralidade de fontes, com um uso intenso do suporte impresso como jornais das igrejas<sup>2</sup> e os jornais de grande circulação. Além disso, detectamos o uso de: relatórios de missionários, diários de fiéis e líderes, registros de admissão em seminários denominacionais, atas de resoluções institucionais, leitura e análise da produção teológica de um período, hinologia de igrejas, análise da produção acadêmica, das histórias feitas pela instituição, hermenêutica bíblica. Um exemplo limite do uso de fontes foi o criativo trabalho de Micheline VASCONCELOS (2004) que incluiu outras fontes no estudo dos evangélicos mostrando na literatura de cordel representações sobre protestantes. Em Pernambuco nas primeiras décadas do século XX, mostrou a ridicularização para com os novos conversos ao situar uma cultura popular onde o protestante foi achincalhado e hostilizado em um território novo. Outro exemplo de uso de fontes diversas foi a análise iconográfica sobre o quadro “Os dois caminhos” feita por Lyndon SANTOS (2005,2006). Santos entendeu o quadro como uma representação iconográfica da cultura evangélica, que no Brasil foi apropriada e reapropriada por seus seguidores em diferentes contextos. Na falta de representações iconográficas (permitida e mais usada mediante a hinologia protestante), defendeu a tese do protestantismo portador de um imaginário contraditório e complementar ao catolicismo ao usar de imagens e conceitos de uma cultura religiosa já existente.

Com a emergência de novos grupos protestantes e a respectiva pouca tradição escrita e desordem documental de alguns deles, estudiosos do pentecostalismo e neopentecostalismo usaram das fontes orais como as entrevistas com fiéis, entrevistas com líderes institucionais, consulta aos web sites das respectivas igrejas e dos seus programas de rádio e tv. A pluralidade do uso de fontes não indicou um debate intenso sobre os usos, limites e possibilidades da fonte

---

<sup>2</sup> Os jornais citados nas comunicações como fontes de pesquisadores: Imprensa Evangélica, Brasil Presbiteriano (Igreja Presbiteriana), Jornal Batista (Igreja Batista - Convenção Batista Brasileira), O expositor cristão (Igreja Metodista), O mensageiro da paz (Assembléia de Deus), Folha Universal (Igreja Universal do Reino de Deus)

religiosa. Em geral, quando existiu um panorama explicativo das fontes temos a apropriação de conceitos e debates teóricos da historiografia da cultura. No uso das fontes orais, embora contenham dados intrigantes, não detectamos um debate apurado e a lucidez no uso das fontes orais, ou quanto as questões éticas e o problema da co-autoria nessas pesquisas.

### *3. Sobre os autores e os locais de produção*

Todos os trabalhos foram realizados por profissionais acadêmicos que se situam em patamares diferentes quanto à maturidade da pesquisa empírica. Correlacionando e cruzando informações, muitos estudiosos do protestantismo têm origem protestante ou ainda são/foram líderes eclesiásticos de denominações históricas. Sem nos remetermos ao passado de outros estudiosos, citamos alguns: Lyndon Santos (professor da UFMA e pastor congregacional), Eduardo Gusmão (Professor da UCG, UEG e pastor Batista), Silas Luís de Souza (professor do Mackenzie e pastor presbiteriano), Lauri Wirth (professor da UMESP e pastor luterano), Elizete Silva (filha de batista, professora UFBA, UEFS), Martin Dreher (professor da UNISINOS, pastor luterano), Antônio Gouvêa Mendonça (professor do Mackenzie/UMESP e pastor presbiteriano), Leonildo Silveira Campos (professor da UMESP, pastor presbiteriano) sendo poucos os que não tiveram vínculo institucional.

Esse grau de pertencimento em relação ao objeto nos indica possibilidades e limites. A proximidade com comunidades evangélicas facilitou o acesso à documentação, arquivos e entrevista com os fiéis. A sensibilidade de líder e/ou fiel evangélico problematizou algumas práticas cotidianas e faces da experiência religiosa evangélica. A partir de estudos de caso existe uma relativização de conceitos muito abrangentes e herméticos para o protestantismo brasileiro. Nos limites, indícios de um projeto ecumênico por trás desses estudos. A possibilidade do estudo a partir de representações religiosas perpassa denominações específicas apontando para proximidades na vivência dos fiéis. Se o projeto ecumênico no plano institucional mostrou sua fraqueza- principalmente com o esgotamento da teologia da libertação e do diálogo ecumênico institucional- a tentativa de estudos no plano do “vivido” mostrando um “caldo comum” tenta reabilitar um projeto de união, dadas as proximidades existentes. Esse rearranjo dos estudos, das redefinições teóricas e as redes de integração desses estudiosos indicam para um projeto eclesiástico de resistência, legitimação ou reforma institucional.

Somamos também que o pertencimento gera uma tensão por vezes resolvida com análises muito ácidas e agressivas a instituição que pertencem / pertenceram. Na tentativa de se legitimar perante a academia podem assumir o papel de imparciais mediante agressões ao grupo estudado. Enquanto aqueles que não pertencem a nenhum grupo procuram legitimar o estudo dos mesmos ressaltando aspectos mais “positivos” do seu objeto de estudo como fundamento da análise, os pertencentes optam pelo caminho contrário. Algo do ponto de vista empírico para ser mais bem pensado.

De uma maneira mais objetiva, os estudos sobre o protestantismo foram predominantemente relativos ao Sudeste e feitos no Sudeste. Dos cerca de trinta textos analisados mais da metade foi feita nas Universidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Os estudos sobre as regiões Centro-Oeste (Mato Grosso: Carlos GONÇALVES (2005); Goiás: Eduardo GUSMÃO (2004)), Nordeste (Maranhão: ALMEIDA, 2005; SANTOS, 2004, 2005,2006; Bahia: SILVA, 2003,2006) embora retratem essas regiões foram realizados em sua maioria em centros paulistas ou fluminenses. Percebemos também uma certa especialização temática dependendo do centro de estudos, por exemplo, a USP através do departamento de sociologia produz obras relativas aos pentecostais e neopentecostais<sup>3</sup>, já os protestantes históricos, têm como local a Universidade Metodista de São Paulo, num núcleo a partir de orientandos e ex-orientandos do professor Dr. Lauri Wirth (GUIMARÃES, GUSMÃO, SANTOS, SOUZA, WATANABE). No andar dos últimos eventos dois novos centros emergiram consideravelmente: um na Bahia ( com a professora Elizete Silva) e outro no Maranhão (com o professor Lyndon Santos).

#### *4. Questões, objetos e períodos privilegiados.*

Os trabalhos de cunho histórico privilegiaram o chamado protestantismo clássico ou histórico devido à metodologia do historiador (mais acostumado a analisar um texto à distância cronológica). A produção sociológica tem privilegiado pentecostais e neopentecostais e pesquisas etnográficas, a partir de exemplos de caso, mostraram o descompasso de determinados pressupostos existentes com o observado nas comunidades históricas e pentecostais. Adroaldo ALMEIDA (2005), por exemplo, mostrou a partir do exemplo da Igreja Evangélica brasileira,

---

<sup>3</sup> Na análise das jornadas maioria dos estudos relativos a pentecostais como Mariano e PRANDI.

igreja fundada por Miguel Vieira Ferreira, a centralidade do sagrado e a mitificação do seu líder fundador. Numa análise de campo, observou o ritual da reprodução do nascimento do líder e a insuficiência teórica para compreender esse fenômeno analisado.

Com relação ao protestantismo chamado histórico, existe uma predominância de estudos relativos aos presbiterianos e uma incidência menor dos batistas e metodistas respectivamente. Poucos trabalharam com o século XIX sendo a opção predominante o período contemporâneo posterior a década de 1950 até os dias de hoje. A maioria de estudos dos presbiterianos parece estar vinculada a organização documental (apenas presbiterianos e metodistas possuem arquivos organizados) e a própria estrutura política que facilita a preservação documental (presbiterianos e metodistas centralizadores, com estrutura nacional enquanto batistas possuem estrutura regionalizada e descentralizada). Outro elemento é a bibliografia mais numerosa relativa a eles e ao pioneirismo de presbiterianos em alguns setores sociais. No período contemporâneo, existe uma preferência no estudo dos presbiterianos no período militar buscando uma resistência na membresia: busca-se o dilema, o conflito a fim de dissolver possíveis unidades doutrinárias próditadura. Silas Souza (2004), por exemplo, apresentou com uma documentação densa o conservadorismo presbiteriano como historicamente construído ao mostrar sua anterior posição de crítica ao Estado, sobretudo, no período pré-república e na chamada era Vargas.

Os estudos relativos a protestantes pentecostais e neopentecostais possuem uma incidência considerável com um destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus e os crescentes estudos sobre a Assembléia de Deus. A IURD, por ser um grupo relativamente recente, tem sido objeto de sociólogos estudando-os num misto de coleta de dados e dificuldades de lidar com alguns deles. Elementos pitorescos, grosseiros são realçados seja para condenar do ponto de vista jurídico a instituição, ou mostrando uma espécie de “desvio” do protestantismo original. Embora seja crescente o estudo sobre pentecostais nas comunicações na ABHR, foram a nosso ver os que mais repetiram dados conhecidos e interpretações sociológicas consolidadas, trazendo poucas problematizações: resultado provável da lacuna relativa aos pentecostais.

*Conclusão: a contribuição da ABHR no estudo do protestantismo*

As principais linhas de pesquisa destinadas ao estudo da religião no Brasil estão vinculadas a programas de pós-graduação em sociologia, antropologia, teologia e ciências políticas. Pensando nesse dado, concluímos que o espaço dos historiadores ainda é de início e consolidação da profissionalização do estudo histórico do protestantismo. Os debates, os objetos, problemas são inéditos e o debate bem como divergências no estudo do mesmo não apareceram de modo intenso. As redes de solidariedade nesse meio também indicam elementos para serem pensados mais atentamente. Como são poucos os centros especializados no protestantismo, poucas bibliotecas, arquivos, e programas destinados aos mesmos, existe uma verdadeira centralização dos estudos e uma proximidade que permite um diálogo produtivo entre estudiosos, orientado pelo interesse acadêmico e da proximidade religiosa. Existe uma tensão entre a revisão do que foi escrito sobre um determinado objeto - trazendo questionamentos historiográficos para a produção sociológica - e o criticismo aos memorialistas institucionais.

A pluralidade de profissionais em torno de um objeto, ao nosso ver, apresenta também limites de diálogo. Observando os debates e os diálogos, as críticas mais contundentes ocorrem entre os próprios pares (historiador interroga historiador; sociólogo interroga sociólogo). Destacamos também que é intrigante a ausência de alguns organismos conhecidos pela vanguarda no estudo da religião como de pesquisadores do ISER (Instituto de Estudos da Religião), mesmo assim, os encontros da ABHR, reuniram os pesquisadores de maior projeção acadêmica brasileira com relação a religião, como Laura de Mello e Souza, Ronaldo Vainfas, Anita Novinski, Lilia Moritz Schuarz, Reginaldo Prandi, Antonio Pierucci, Ricardo Mariano, Pierre Sanchis, Oscar Beozzo, Augustin Werner entre outros, contudo, participações em eventos esporádicos, em participações deslocadas e desvinculadas dos grupos de pesquisa.

Comunicações analisadas:

ABHR: Recife 2002

AQUINO, Rosa. *A música no ritual da Igreja Presbiteriana do Brasil: em estudo uma Igreja.*

ANJOS & SILVA . *Visões do protestantismo na Imprensa Feirense.*

BORGES, Reginaldo. *A presença de amuletos nas tradições evangélicas.*

CRUZ, Danilo. *O Protestantismo Histórico no Sertão Baiano.*

MARIANO, Ricardo. *Em busca de uma história do pentecostalismo no Brasil: Balanço da teoria sociológica clássica sobre o crescimento pentecostal.*

PINEZI, Ana Keila. *Trabalho: Homem/mulher, Cristo/Igreja: a analogia da hierarquia entre protestantes históricos.*

SILVA, Elizete. *O Protestantismo em Feira de Santana: algumas considerações.*

SOUZA, Paulo. *Crescimento Pentecostal em Mariana MG: uma análise quantitativa.*  
\_\_\_\_\_. *Entre o Templo e a Rua: religião popular e memória entre os grupos pentecostais da cidade de Mariana (MG).*

TAVARES, José. *Espaços privilegiados do poder religioso evangélico.*

ABHR: Franca 2004

BELLOTTI, Karina. *Mídia, Protestantismos e História Cultural.*

GUSMÃO, Eduardo. *Bandeirantes da Bíblia: a chegada dos evangélicos em Goiás.*

MEDEIROS, Rangel. *Os significados dos dízimos e ofertas para a Igreja Universal do Reino de Deus.*

PAEGLE, Eduardo. *As relações da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) com a ditadura militar (1964-1985).*

SANTOS, Lyndon. *Os dois caminhos: um paradigma da crença protestante no Brasil.*

SOUZA, Silas. *O Protestantismo brasileiro e o Governo Militar: O caso da Igreja Presbiteriana do Brasil.*

VASCONCELOS, Micheline. *As Novas- Seitas: a concepção acerca do Protestante de cordel.*

ABHR: Belo Horizonte 2005

ALMEIDA, Adroaldo. *A (Re)produção da Crença: uma etnografia do culto de aniversário de Miguel Vieira Ferreira na Igreja Evangélica Brasileira em São Luís/MA.*

GONÇALVES, Carlos. *O Protestantismo Missionário em Mato Grosso: Associação Evangélica de Catequese dos índios do Brasil.*

GUIMARAES, Robson. *Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos.*

MARQUES, Juliano. *"DEUS MARAVILHOSO, ALELUIA! "O fenômeno contemporâneo da religiosidade popular: a Igreja Universal do Reino de Deus.*

PAEGLE, Eduardo. *A normatização de conduta e o pensamento político na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) durante o período militar (1964-1985).*

SANTOS, Lyndon. *As outras faces do sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira.*

SILVA, Maria. *Religião, Identidade e Angústia: Um estudo entre os Evangélicos pentecostais.*

SOUZA, Silas. *O protestantismo e a urbanização em meados do século XX: novos paradigmas de pensamento social e político.*

TRABUCO, Zózimo. *A construção da identidade protestante no Seminário Batista em Feira de Santana- BA: 1960-1965.*

WATANABE, Tiago. *Caminhos e histórias: a historiografia do protestantismo na Igreja Presbiteriana do Brasil.*

ABHR: São Luís 2006

ALMEIDA, Luciane Silva de. *A Igreja Anti-Comunista: representações dos batistas em Feira de Santana (1964-1970).*



ALMEIDA, Vasni de. *Metodismo e educação: a formação do tecido social do interior paulista.*

BELLOTTI, Karina. *Mídia e Identidades Evangélicas - Uma perspectiva comparada entre Brasil e Estados Unidos.*

CALDAS FILHO, Carlos. *Evangélicos e literatura de fantasia no Brasil- uma relação em busca do entendimento.*

GUERRA, Eduardo Rangel. *“Pare de sofrer”:* uma reflexão sobre as práticas religiosas da IURD.

MELO, Jacyara. *Pentecostalismo e neopentecostalismo: conversão maximalista e conversão minimalista.*

RODRIGUES, Jean. *Pentecostalismo: espaço de poder.*

SILVA, Elizete da. *Batistas na Bahia: Questões étnicas e sociais.*

SILVA, Gerlandy. *A Bíblia e a Formação de Leitores no Pentecostalismo.*

TRABUCO, Zózimo. *Conversão e ruptura cultural em Feira de Santana: 1980 a 1990.*

WATANABE, Tiago. *De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990).*